

Marx, Joyce e Eisenstein: a abstração mata

ENTREVISTA COM ALEXANDER KLUGE*

Deutsche Welle: O senhor não filmou *O capital*, nem fez um filme sobre *O capital*, mas deixou-se guiar pela própria curiosidade a respeito do material. É isso mesmo?

Alexander Kluge: Não só pela curiosidade, mas também pelo respeito pelo diretor Serguei Eisenstein, um dos grandes cineastas modernos. Ele assumiu essa tarefa, que muito lhe parecia ser uma aventura, como um desafio ao cinema.

* Alexander Kluge, influente pensador marxista alemão, tem formação em Teoria do Direito, é ensaísta político e escritor de romances. Atualmente na Alemanha, é um dos principais diretores do chamado "Novo Cinema Alemão"; aluno e amigo de Theodor Adorno, foi apresentado a Fritz Lang do qual, em 1958, com a idade de 26 anos, tornou-se seu assistente de direção no filme *O tigre de Bengala*. Seu crescente envolvimento com a atividade cinematográfica permitiu que fosse eleito, em 1962, diretor do *Institut für Filmgestaltung* em Ulm. Desde o seu primeiro filme, Kluge é um dos protagonistas da renovação do Festival de Veneza, onde apresentou trabalhos premiados (Leão de Prata em 1966 com o filme *Despedida de ontem* e Leão de Ouro, em 1968, com *Artistas na cúpula do circo: perplexos*). Dirigiu, entre outros, os longa-metragens *Alemanha no outono*, *Guerra e Paz*, *O poder dos sentimentos*, *Trabalho ocasional de uma escrava*, *O grande caos*, *Willi Tobler e a queda da 6ª frota*, *Fatos diversos* e vários outros. Além de curtas, tem uma vasta produção documental em vídeos para TV. Escreveu romances e ensaios políticos e filosóficos: *O que há de político na política* (com Oskar Negt, 1999), *Esfera pública e experiência* (1993), *Der Unterschätzte Mensch* (2001); *Chronik der Gefühle* (2000), *Die Lücke, die der Teufel lässt* (2003), *Tür an Tür mit anderem Leben* (2006). Seu último livro, *Histórias do Cinema (Geschichten vom Kino)*, foi lançado pela editora Suhrkamp; em 2007, foi lançado em português o livro *Alexander Kluge: o quinto ato*, org. por Jane de Almeida, contendo ensaios de seu último livro e estudos de pesquisadores brasileiros. Em novembro de 2009, pela sua ampla e diversificada produção intelectual recebeu o prêmio T. W. Adorno; em 2003, ganhou o prêmio Georg-Büchner-Preis, o mais renomado prêmio literário alemão. Em 1990 recebeu o prêmio Lessing, ocasião em que foi homenageado por Jurgen Habermas cujo texto pode ser consultado em <http://www.goethe.de/ins/br/sab/pro/seminare/htm/semin1/haber.htm>. Esta entrevista foi publicada originalmente no jornal *Deutsche Welle* (janeiro de 2009).

DW: Como Eisenstein teria podido filmar *O capital*?

AK: Ele tinha uma determinada ideia. Isso aconteceu, em Paris, quando visitou James Joyce, autor de *Ulysses*. Ele queria fazer seu filme da mesma forma como James Joyce escreveu *Ulysses*. O romance descreve uma pessoa, durante um dia inteiro em Dublin, e resgata, para isso, toda a história até Troia. Daí a figura de Ulisses, ou seja, Odisseu. De forma semelhante, Eisenstein queria mostrar aqui, através de duas pessoas, o que está, na realidade, dentro de *O capital*: as imagens contidas nessa obra..

DW: De que forma, então, o senhor se aproximou de Eisenstein? No caso do seu filme, o dia tem a duração de nove horas.

AK: Provavelmente não acabei ainda. Conversei com as pessoas que trabalharam comigo no projeto e com Tom Tykwer, e elas vão continuar. Na verdade, seria possível dedicar ao projeto o dobro do tempo, pois, tanto no livro quanto no projeto de um filme de Eisenstein, há muita coisa relacionada ao ser humano vivo. De fato, a economia não tem efeitos sobre as pessoas apenas na forma de uma “crise”, como a financeira que vivemos agora, mas os séculos de desenvolvimento econômico determinam a essência do ser humano.

DW: No ano de 1929, o plano de filmar *O capital* parecia urgente para Eisenstein. Seu filme foi feito hoje, em tempos de crise econômica mundial. Seria profano demais denominar os dois projetos de “atuais” em seus respectivos tempos?

AK: Não há como negar que seja atual. Mas quando começamos a desenvolver o projeto não contávamos com a crise financeira. Pensamos na “Quinta-feira Negra”, de 1929 (24/10), há 80 anos. Não seria algo atual, mas a atualidade nos alcançou.

DW: Seu filme se chama *Notícias da Antiguidade ideológica*, ou seja, tem muito a ver com a história.

AK: E também com orientação. O navegador se orientava pelas estrelas. Navegar é algo imortal e muito antigo. Este é, digamos, um pensamento antigo: acreditar que há algo, uma orientação, que é tão velha que não há necessidade de ser revista.

DW: Como, por exemplo? Para o senhor conceitos-chave como mercadoria, fetiche, valor de troca foram pontos de orientação?

AK: Sim, e isso é absolutamente prático, aquilo que as pessoas têm de melhor em suas vidas elas embutem em seus trabalhos. De certa forma, isso está embutido no maquinário, na indústria, nos objetos que foram produzidos e que chamamos de mercadoria. De fato, há sempre uma luz humana nessas mercadorias, o que acaba sendo esquecido. Uma pessoa reflete-se na outra, na produção, na força de trabalho; isto foi escrito por Marx. E corresponde à nossa realidade atual.

A maior realidade que conheço é a produção. E isso é o que, de certa forma, sempre me interessaria como ponto de partida para um romance: o ser humano é, na verdade, o produtor de sua vida. Ou pelo menos poderia ser. Na realidade, contudo, vai se desenrolando uma história que ele não quer, que se desenvolve de forma paralela a ele.

Tenho, por exemplo, 14 anos de idade aqui na Alemanha no ano de 1946. Não tenho capitalismo, não tenho um governo próprio, mas mesmo assim as pessoas demonstram confiabilidade nessa situação de emergência. As mulheres e irmãs mais velhas cuidam das empresas familiares. Elas cuidam para que haja comida na mesa.

A economia de meios de subsistência e até o mercado negro unem as pessoas através de relações de confiança. Uma pessoa reflete-se na outra. E em nosso mundo, hoje, no mundo dos derivados, não é possível que uma pessoa se reflita na outra. Estamos muito distantes dessa esfera pragmática, desse período emergencial. Mas, mesmo assim, encontramos-nos num tempo emergencial. E pensar sobre isso é, para cineastas, algo absolutamente elementar. E para isso há imagens.

DW: Há essa segunda realidade dos “derivados” ou de outros exemplos que se poderia tomar aqui. O que há de errado com ela? O que Marx diria que há de errado hoje?

AK: Ele diria que tudo leva à abstração e a abstração mata. Até em tempos de guerra a abstração mata. Marx é um excelente observador dessas coisas. Não sei se gostaria de obter dele conselhos sobre a solução para a crise financeira. Esse tipo de coisa ele nem conheceu.

DW: Mas foi um bom analista.

AK: Certamente. Ele analisou os conceitos elementares a respeito do que acontece dentro do ser humano, a respeito daquilo que distingue o ser humano, um ser social, de um lobo, mesmo quando este ser humano comete uma atrocidade. Todas as relações na “segunda natureza”, como ele chama, ou seja, na natureza social, são distintas [daquelas da natureza em si]. E as imagens se transformam, como no caso de Picasso. Suas imagens não se assemelham às de uma fotografia.

Essa é, na verdade, a mensagem de Marx e, acima de tudo, de Eisenstein. E com isso exercitamos. Mas, devo confessar, sinto-me especialmente orgulhoso a respeito dos 12 minutos de Tom Tykwer,** que filmou maravilhosamente esse fetiche verdadeiro, ou seja, essa humanidade que se oculta dentro de todas as coisas. E utilizou um recurso cinematográfico inédito.

Ele rodou em 35 mm uma rua na parte oriental de Berlim: ali está um chiclete caído na calçada, uma maçaneta de porta, um encanamento de gás, o calçamento.

** Uma parte do filme de Tom Tykwer, *Der Mensch im Ding*, pode ser vista no vídeo acessível em: www.youtube.com/watch?v=zG6zPopy5Qw

Ali está tudo o que representa uma rua sem gente. E ele expõe o processo de fabricação de todas essas coisas, gravando muito bem as imagens 3D, com um procedimento de última geração.

Quando ele cria relações entre essas coisas, é possível ver como as pessoas trabalharam para que tudo aquilo fosse construído. E de repente há 80 mil pessoas nessa rua antes deserta. Essas pessoas colaboraram na fabricação dos objetos que estão ali. É o que se chama de fetiche da mercadoria. Isso volta em forma de respeito pelo ser humano, refletindo tudo aquilo de que ele é capaz.

Tom Tykwer, para voltar talvez também a Eisenstein, caracteriza-se por um estilo que se pode chamar de “montagem das atrações”.

“Montagem das atrações”: esse é o grande circo da sensibilidade, é isso o que o cinema sabe fazer.

KLUGE, Marx, Joyce e Eisenstein: a abstração mata. Entrevista concedida a Deutsche Welle. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.75-125.

Palavras-chave: Marx; Joyce; Eisenstein; O Capital; Cinema.